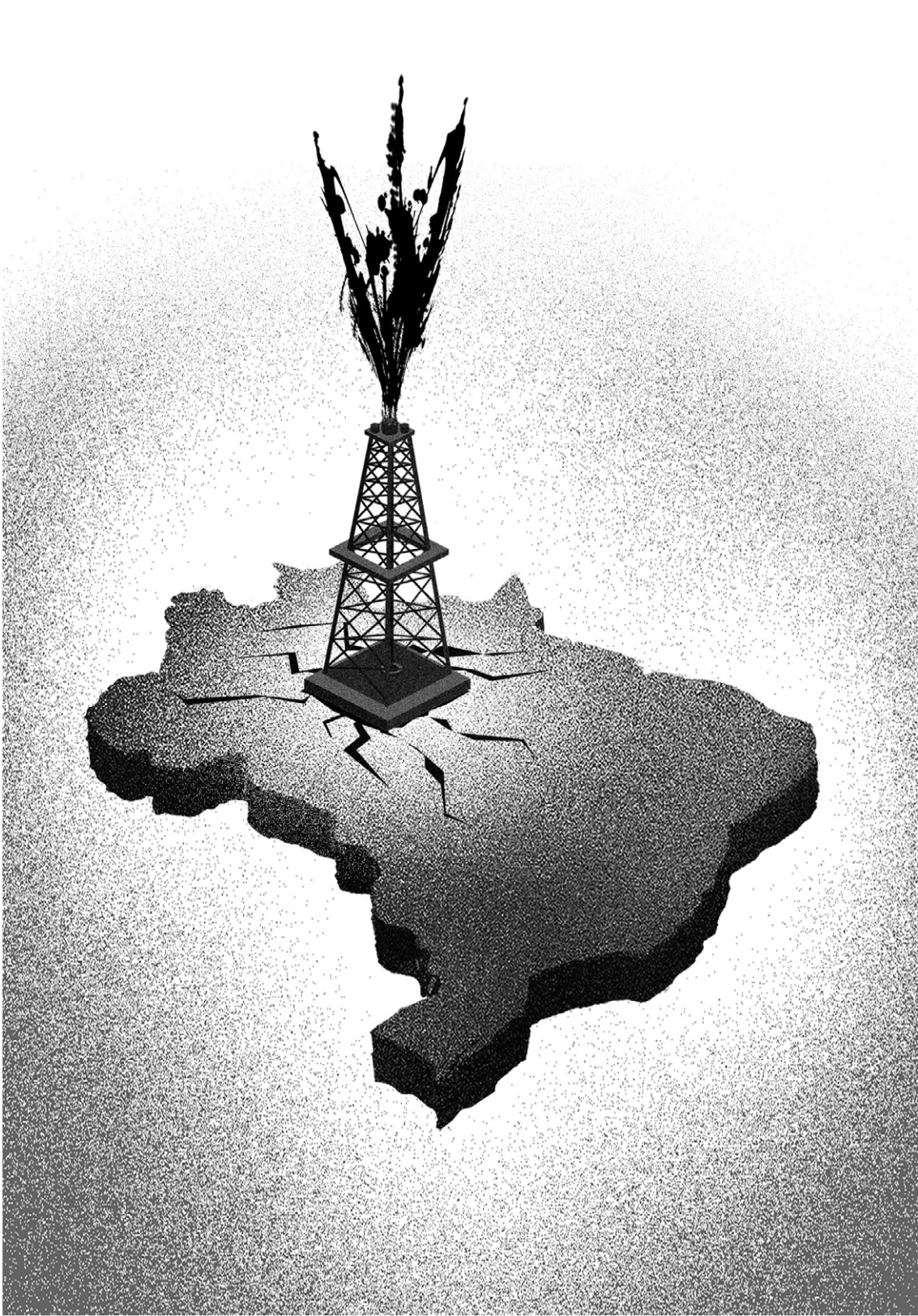


Os tesouros da Amazônia

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista (andregustavo10@terra.com.br)



Éra fácil pre-ver o conflito de opiniões. A Petrobras descobriu imenso lençol petrolífero na Região Norte do Brasil. A chamada margem equatorial vai desde as costas do Amapá até o Rio Grande do Norte. Na verdade, essa maravilha começa na altura da Guiana, antiga Guiana Inglesa, que é um dos países mais pobres do Continente. No entanto, no último ano conseguiu fazer sua economia crescer 62%, um recorde diante do mundo. A Guiana faz fronteira com Roraima, ligada por estrada, parcialmente asfaltada, entre Boa Vista e Georgetown, capital da antiga província inglesa.

O Exército brasileiro trabalha com um projeto estratégico que vem desde o governo Sarney chamado Calha Norte, cujo objetivo é adensar a população nas áreas de fronteira, sobretudo na Região Norte. A descoberta desse mar de petróleo na Guiana abre enorme perspectiva para o norte do país. E atende ao projeto militar. A cidade de Georgetown está mais próxima de Boa Vista que Manaus. Seu porto se debruça sobre o Oceano Atlântico, o que abre possibilidades de exportação e importação para todo o mundo, com custos menores. O porto de Manaus, no Rio Amazonas, obriga a navegação de quatro ou cinco dias até o oceano.

Esse é um pedaço da história. O outro é a descoberta no Brasil de um novo pré-sal que vai do Amapá, a 160 quilômetros da costa, até o litoral do Rio Grande do Norte. É promessa de renda e investimentos poderosos numa região que é muito pobre. A Petrobras já construiu uma moderna pista de pouso na cidade de Oiapoque, no extremo norte do país, fronteira com a Guiana Francesa, para iniciar suas operações. A região é tão esquecida que a estrada entre Oiapoque e Macapá, pouco mais de 500 quilômetros, só recebeu asfalto até a metade do trecho. É impossível chegar ao extremo norte do país por terra na temporada de chuva.

A descoberta dessa nova e importante reserva

de petróleo (os primeiros cálculos indicam jazida de 10 bilhões de barris) é uma revolução em toda a costa norte do Brasil, que só é visitada por turistas — a região é linda — por contrabandistas e piratas de todos os calibres. A energia eólica já vem proporcionando razoável elevação de renda na região porque as empresas que exploram esse negócio pagam para instalar em pequenos terrenos as enormes torres que, movidas pelo vento, acionam geradores de energia elétrica. Mas o petróleo é a perspectiva de mudança de vida. A pequena Oiapoque se candidata a ser uma cidade semelhante a Macaé, no estado do Rio, onde está concentrada a principal operação da Petrobras e das empresas privadas na área do pré-sal.

Mas o Ibama, órgão encarregado de proteger o meio ambiente, deu parecer contra a atividade de empresas de petróleo em nome de proteger a

fauna e a flora da região. Os primeiros poços estariam localizados a mais de 500 quilômetros da Foz do Rio Amazonas. Ambientalistas já se movimentam nos mais diversos meios de comunicação dentro e fora do país contra exploração de petróleo naquela área. Surgem propostas no sentido de que a Petrobras deixe o petróleo e se dedique às energias alternativas que deverão dominar o mundo no futuro ainda não dimensionado. Essa decisão, contudo, condena à pobreza os povos do norte brasileiro. Os mesmos argumentos não foram alegados quando o pré-sal foi descoberto nas costas do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo.

Além do petróleo, há a questão do garimpo. O presidente do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), Raul Jungmann, estima que neste momento trabalham algo em torno de 60 mil garimpeiros no estado do Pará. Em toda a Amazônia, segundo os cálculos dele, operam entre 500 e 600 mil garimpeiros. Essa legião de aventureiros é movida pela vontade de enriquecer. Um quilo de ouro puro vale, na origem, R\$ 361 mil. O dinheiro irriga as atividades básicas das pequenas cidades do norte. Leva renda para os povos da floresta. E para contrabandistas, prostitutas, pilotos de avião e, por último, vai para negociadores que carregam o precioso metal para a Suíça, que, de acordo do presidente do Ibram, é o principal comprador do ouro brasileiro.

É muito fácil proibir acesso às áreas promissoras e exibir cenas de policiais dando tiros. Mas, enquanto houver ouro, haverá garimpo. Enquanto houver petróleo, haverá pressão para explorar essa riqueza. É mais produtivo trabalhar com base na realidade para compreender a riqueza da Amazônia e tentar a solução que aproveite os dois lados. Um pouco de inteligência e estudo da situação pode apresentar o caminho razoável que aproveite os interesses comerciais, os povos da floresta e inclua os europeus na solução. Eles também precisam de petróleo.

A missão do Sesc e Senac é capital humano

» JOSÉ PASTORE
Professor de relações do trabalho da Universidade de São Paulo e membro da Academia Paulista de Letras

Antigamente, capital humano se referia apenas ao número de anos cursados nas escolas. Hoje, resulta da quantidade e qualidade da educação, de saúde, cultura, esporte e muitas outras atividades que visam dar às pessoas melhor condição de vida e, com isso, elevar a sua contribuição para o crescimento econômico e para si próprias em termos de empregabilidade, mobilidade social e avanço de renda.

O Banco Mundial mostra que o Brasil está muito atrasado — ocupa o 81º lugar em 157 países analisados, estando atrás de Sri Lanka, Irã, Azerbaijão, Malásia e outras nações pouco desenvolvidas. A principal causa desse atraso é a baixa qualidade do ensino e as limitadas oportunidades de formação profissional.

Esse é exatamente o campo de atuação das instituições do chamado Sistema S. No setor de comércio, serviços e turismo o papel do Senac na formação do capital humano é fácil de compreender em vista do seu nítido caráter educacional. O seu impacto direto no emprego e renda dos educandos, na produtividade e na competitividade das empresas são comprovados por inúmeras pesquisas. Nas escolas do Senac, são formados e aperfeiçoados os profissionais mais demandados pelo mercado de trabalho brasileiro em tecnologia da informação,

marketing digital, gestão de negócios, design, gastronomia e alimentação, hotelaria e turismo, idiomas, comunicações e artes, meio ambiente, enfermagem, farmácia, exames de imagens, ótica, odontologia, segurança no trabalho e inúmeras profissões do futuro tais como gestão de sustentabilidade, gestor de qualidade de vida, técnico em operações logísticas, especialista em computação na nuvem, gestor e operador de e-commerce e muitas outras. Em todas elas, a dimensão socioemocional é muito bem cuidada.

À luz do novo conceito de capital humano, a contribuição do Sesc é igualmente relevante. Além de suas atividades no campo da educação básica, do ensino médio e complementar e da educação de adultos, o Sesc desenvolve atividades estratégicas no campo da saúde, esportes e da cultura — literatura, teatro, cinema, música e dança que atingem desde a criança antes de nascer até os adultos e idosos que buscam atualização profissional e capacitação para o trabalho social e comunitário.

As pesquisas são inequívocas. As pessoas atendidas pelo Sesc e Senac gozam de melhor qualidade de vida, se empregam com mais facilidade, sofrem menos rotatividade e têm renda mais alta quando comparadas com pessoas que não recebem apoios nos campos da educação, saúde e

formação profissional.

Tudo isso é mantido pela contribuição das empresas do comércio, serviços e turismo. Para as empresas, a melhoria do capital humano eleva a produtividade e a competitividade. Para os trabalhadores, representa mais emprego e melhor rendimento.

Por isso, um eventual corte dos recursos destinados a essas atividades redundará em perdas irreversíveis para as empresas, para os brasileiros e para a economia do país. Na verdade, o Brasil precisa ampliar as atividades voltadas para a formação do seu capital humano e não reduzir.

Paul Krugman, Prêmio Nobel de economia (2008), diz “que para o crescimento econômico, a produtividade não é tudo, mas é quase tudo. É razoável dizer, então, que, para melhorar a produtividade, a educação e a saúde não são tudo, mas são quase tudo.

Ao assinar a lei School-to-Work (1994), o presidente Bill Clinton disse: “Nós estamos vivendo em um mundo onde o que você ganha é função do que você pode aprender”. Se isso era assim em 1994, imaginem hoje com a meteórica revolução tecnológica ora em andamento. O desafio para formar bem as pessoas aumentou muito e requer competência crescente. Afinal, formação profissional não é para amadores.

Nova Embratur, um S importante

» VINICIUS LUMMERTZ
Ex-ministro do Turismo
e ex-presidente da Embratur

A nova forma de financiamento da Embratur transformou-se numa grande polêmica, parte com razão, parte por engano: a fonte almejada de recursos para financiar as vitais ações de promoção internacional do turismo brasileiro e da nossa imagem no exterior.

Pela proposta que passou na Câmara a será votada no Senado, seriam redirecionados 5% da arrecadação de recursos atualmente direcionadas ao Senac e ao Sesc — ou seja, recursos oriundos de contribuições sociais compulsórias de empresas comerciais e de serviços, entre elas as do próprio setor de viagens e turismo, comandadas pela Confederação Nacional do Comércio (CNC) e pelas Federações estaduais.

A proteção dos recursos que financiam as atividades do Senac e Sesc, importantes instituições brasileiras, é justa e correta. Por que haveria, como disse, um engano, se os líderes empresariais não apoiassem a iniciativa da Nova Embratur? A resposta é simples: pela mesma razão que ocasionou a criação do Sebrae mais moderno, como serviço social autônomo, e que passou a participar das receitas dos Ss, e que então, por isso mesmo, foi objeto de movimentos e ações judiciais por parte das entidades empresariais.

De lá para cá, o Sistema Sebrae tem sido um experimento de gestão mista, público-privada, e um sucesso institucional que dotou os governos de um braço fortíssimo de execução de políticas governamentais para as MPEs, enquanto, simultaneamente, ampliou o poder e o prestígio das instituições empresariais que dividem o comando do núcleo central e dos 27 estados.

Passados tantos anos, as entidades empresariais abririam mão da existência do Sebrae? Estou certo que não. Meu testemunho é real, pois participei desses movimentos como diretor do Ceag, depois Sebrae de Santa Catarina, e do Cebrae com C para Sebrae Nacional com S, que ressurgiram de estatais esvaziadas para Ss bem-sucedidos.

Como diretor técnico do Sebrae Nacional, eu controlava uma gerência chamada Apex que, da mesma forma, no governo Fernando Henrique Cardoso, se transformaria em agência governamental de apoio às exportações. Equívoco cometido: não foi feita no modelo misto de gestão à semelhança do Sebrae.

Algo que pode ser revertido, no âmbito do vice-presidente Geraldo Alckmin, ministro da Indústria e Comércio ao lado do Itamaraty, trazendo os empresários para a cogestão. Para a nova Embratur, desenhada na nossa gestão, corrigimos essa falha — e a lei da sua criação foi feita com comando público e privado, no seu Conselho Deliberativo.

Assim seguiu para o Congresso no governo Michel Temer, sendo aprovada por meio de MP já no governo Bolsonaro, ainda que sem previsão de fonte de recursos. O que o governo Lula e o Congresso Nacional estão em vias de reparar.

As instituições empresariais ampliaram o poder e influência nas questões do desenvolvimento das micro e pequenas empresas, mediante o Sebrae, e ganharão se propuserem uma cogestão da Apex e se abraçarem ainda mais o turismo. Algo que já fazem, farão mais e melhor.

O Brasil precisa de mais Sistema S e não de menos. A proposta da nova Embratur diz exatamente isso. Por caminhos não previstos, o que está acontecendo é o reconhecimento da importância do Sistema S, sua expansão e evolução, e o surgimento de novas formas de ajudar o Brasil a brilhar mundo afora, apoiando nosso comércio, nossos serviços e nossa imagem perante o planeta.

Apoiar o turismo, que gerará um a cada três empregos no mundo nos próximos 10 anos, segundo o Conselho Mundial do Turismo (WTTC), significa levantar-se para enfrentar a guerra mundial por empregos que está em curso. Por seu enorme potencial, o turismo do Brasil não pode continuar tão ausente das prateleiras internacionais. Temos muito para mostrar e para vender ao mundo, a começar pela COP30, que queremos na Amazônia.

Por tudo isso e muito mais, a promoção do Brasil não pode ser feita apenas por governos. Deve ser cogerida pelos líderes empresariais do Brasil que podem abraçar o turismo e a promoção do mais belo país do mundo. Isso, sim, é um grande negócio para o Brasil.